

Desempenho Funcional dos Fonemas — A Fonologia ou Fonêmica (*)

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Conforme Saussure e outros, há na linguagem dois aspectos fundamentais — a **fala** ou **discurso** (“parole”) — fenômeno individual, concreto, realidade física que varia de indivíduo a indivíduo, e a **língua** ou **sistema** (“langue”) — modelo geral abstrato e constante, existente na consciência de todos os membros de uma comunidade; é o fundamento das exterioridades lingüísticas do indivíduo ou fala.

Todo fenômeno lingüístico, quer da fala ou ato de falar, quer da língua, é uma união entre o **significante** ou expressão e o **significado** ou conteúdo (idéia, sentido).

Na fala, o significado é sempre uma comunicação concreta. Exs.: **Espero em Deus. Outro dia, na praça, eu o esperei.**

Na língua, o significado é representado por normas gramaticais abstratas (lexicais, morfológicas, sintáticas), p. ex., o verbo **esperar**, como transitivo direto, significa “ter espe-

(*) A título de divulgação, publica-se o presente capítulo, extraído dos nossos “Elementos de Gramática Histórica Portuguesa — Manual Universitário”, a sair. Indiscutível pioneiro desses estudos no Brasil é o prof. J. Mattoso Câmara Jr. com a obra “Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa”, ed. da Organização Simões, Rio, 1953, o qual autor segue mais de perto as doutrinas da Fonêmica norte-americana.

A propósito da designação **fonologia**, fizemos breve referência à novidade nos “Pontos de Método da Fonética Histórica”, Curitiba, 1939, p. 2.

rança em”, “contar com”, “supor”, “aguardar”, “estar prometido a”; como transitivo indireto, com a preposição **de**, significa “confiar em”, “contar”, “obter”; e assim por diante.

O significante, na fala, é apenas uma seqüência fônica, concreta, fenômeno físico perceptível pelo ouvido, e, na língua, é a constituição de regras ou normas que ordenam êsse material sonoro. P. ex., no verbo da oração — **Espero em Deus!** — há três vogais e três consoantes: o primeiro fonema é átono, fechado, e o segundo é tônico, aberto; o **-o**, final, é também átono. A nasal é línguo-dental, e o vocábulo final é um monossílabo, constituído pelo ditongo decrescente **eu**. E, por fim, trata-se de uma exclamação.

Na fala, o número de idéias concretas é infinito, mas, ao contrário, na língua são limitadas as significações de palavras, assim como são limitados os meios de que se dispõe para a expressão dessas idéias. Do mesmo modo, enquanto os movimentos articulatórios e os sons correspondentes na fala são infinitos, as normas fônicas, elementos do significante da língua ou sistema, são limitadas. Isto é, na língua, há, p. ex., tal expressão — **espero** — representação ideal — todavia, na fala, pode a mesma ser assim pronunciada — **esperu, speru, expero, ixperu, xpero**, etc., com ressalva da norma segundo Eugenio Coseriu (“Sistema, Norma y Habla”, Montevidéo, 1952).

Os fonemas chamados oclusivos são-no quando iniciais, porém fricativos medialmente. Em **dato**, p. ex., o 2.º **-d-** não é o mesmo que o 1.º **d-**, no entretanto ninguém percebe a diferença que, todavia, é pequeníssima. Pronunciam-nos como se fôssem um mesmo **d**. As diferenças são destarte infinitesimais e percebidas pela análise de laboratório mais do que por ouvido apurado e experimentado.

A língua é um sistema ou conjunto de sistemas (sistema fonético, categorias gramaticais, etc.), os quais se equilibram de tal modo que suas partes são solidárias, se completam e estão em relações recíprocas.

No significante da fala, nos atos concretos, a corrente fônica é uma sucessão ininterrupta, sem ordem aparente, de

movimentos sonoros que se sobrepõem uns aos outros. Pelo contrário, as unidades do significante da língua formam um sistema.

Assim, os diversos aspectos da linguagem são estudados separadamente, mas, visto o significante na fala ser diferente do significante na língua, constituíram-se duas disciplinas independentes — uma que tem por objeto a **fala** e outra a **língua**.

A ciência dos sons da fala trata dos fenômenos físicos; emprega os métodos das ciências naturais. A ciência dos sons da língua, ao contrário, emprega métodos exclusivamente lingüísticos, psicológicos ou sociológicos. A ciência dos sons da fala é a **Fonética**, e a dos sons da língua é a **Fonologia** ou **Fonêmica** ou, ainda, **Fonemática** e também, segundo L. Bloomfield, **Fonética prática**.

A Fonética estuda os fenômenos materiais dos sons, da sua composição material — caracteres físicos da corrente de ar, as posições e os movimentos dos órgãos que os produzem.

A Fonologia trata dos sons como elementos significativos ou intencionais. P. ex., o **é**, aberto, do port. é um elemento significativo, pois que, em relação com **ê**, fechado, possibilita distinguir vocábulos como **emprego** (verbo) e **emprêgo** (subst.). Igual fato sucede no francês, em, p. ex., **chantais** (= xantê) frente a **chanter** (= xantê).

No port., o fonema surdo, p. ex., **s**, e o fonema sonoro **z** são elementos funcionais, porque possibilitam distinção semântica em **sêlo** — **zêlo**, **caça** — **casa**, etc. O **-s**, final, port., é elemento significativo frente à ausência do mesmo, pois faz distinguir, p. ex., **livros** de **livro**.

Os sons da Fonética ou **fonemas fonéticos**, ou **sons**, propriamente ditos, possuem existência material, físico-fisiológica. Os sons da Fonologia ou **fonemas fonológicos** ou, ainda, **fonemas** propriamente ditos, possuem existência imaterial, na consciência lingüística dos falantes.

O foneticista indaga as diferenças de sons que os falantes em geral não percebem, ao passo que o fonologista inves-

tiga as diferenças de sons que os falantes observam ou devem observar para distinguir os sentidos das palavras e das frases.

O foneticista estuda os órgãos articulatórios e seu funcionamento, e o fonólogo, por sua vez, penetrando na consciência lingüística de uma coletividade, trata do conteúdo das idéias fônicas diferenciais. O fonólogo investiga o que se imagina pronunciar, e o foneticista o que se pronuncia na realidade.

O que se pronuncia na realidade muda de um momento a outro e de um falante a outro. Pronunciando muitas vezes a palavra, p. ex., **espero**, entre várias pessoas, notam-se diferenças, e maiores ainda se registrada em aparelho fonético.

E essas diferenças verificam-se não só na pronúncia dos diversos falantes, porém até na pronúncia pelo mesmo indivíduo em diferentes momentos ou estados de espírito. Mas, o que se imagina pronunciar, em certo estado da língua, não muda. Cada indivíduo pensa pronunciar cada vez a mesma palavra **espero**, e, nela, o mesmo som de **-s-** em **esbelto**; o mesmo **-p-** de **espora**, mas diferente de **-f-** em **esfera** ou diferente de **-m-** em **esmera**, etc.

Na pronúncia real, o **-s-** de **espero** é surdo, e o **-s-** de **esbelto** é sonoro; o **-p-** de **espero** é palatalizado, porque é seguido da palatal **-e-**, ao passo que o **-p-** de **espora** é labializado, visto ser o **-o-** labial.

O foneticista estuda, pois, os sons da palavra isolada ou agrupadamente, mas sem relação com outros sons da mesma língua, ao passo que o fonólogo trata de cada fonema como elemento distintivo, diferenciador, e, para tanto, é mister estabelecer suas relações com os outros fonemas do mesmo sistema.

É claro que, se um elemento se distingue de outro, se difere de outro, é porque de antemão se procedeu a um contraste ou oposição entre ambos.

Comparando-se, p. ex., os vocábulos **rêde** e **fogo** a oposição fônica é total, mas em **rêde** e **rabo** vemos que têm de co-

num a inicial, e, como elementos diferentes, **-êde** e **-abo**. Em **rata** e **rabo** a diferença verifica-se apenas na 2.^a sílaba de ambos (**-ta**, **-bo**), e, por último, em **rata** — **rato** a diferença é mínima (**-a**, **-o**). Cada têrmo diferenciador dessas oposições tem o nome de **unidade fonológica distintiva**. Pelos exemplos, vê-se que essas unidades podem ser de extensão variada.

Entre **-a** e **-o** (**rata** — **rato**), p. ex., a diferença mínima é de natureza vocálica, mas pode ser de natureza consonântica, como em **pato** — **bato**, **tapa** — **taba**, **asa** — **assa**, etc.; **mal** — **mar**, **cala** — **cara**; etc.

Analisando foneticamente, p. ex., **-a**, **-o**, das oposições **rata** — **rato**, etc., descobre-se que, para a sua produção, concorrem vários elementos físico-fisiológicos, mas cada qual não é dissociável; ambas as vogais não podem ser divididas em unidades sucessivas menores e simples, e, então, estamos perante **unidades sônicas** que se chamam pròpriamente **fonemas** ou **fonemas fonológicos**.

Fonema é, pois, **uma unidade sônica indivisível e diferenciadora**.

Indivisível, porque não pode ser decomposta em unidade menor, e é diferenciadora, porque cada fonema se delimita dentro do sistema por qualidades que o distinguem dos demais fonemas, atribuindo-lhes intenção significativa diferencial.

Se um fonema, em relação com os demais, não apresentar diferença significativa, não passa de um som, som concreto, não é fonema fonológico, mas fonema fonético. P. ex., o é, aberto, em port., é um fonema fonológico porque, em comparação com o ê, fechado, denuncia diferença de sentido, e, vice-versa, o ê frente a é (**emprego** — **emprêgo**, **esse** — **êsse**, **deste** — **dêste**, etc.). Já no espanhol, tal não se verifica; o é e o ê só se opõem, distintivamente, às demais vogais (**a**, **i**, **o**, **u**) e às consoantes do seu sistema, de modo que ambos os ee do espanhol são considerados um só sinal; não são fonemas fonológicos.

Também não são fonemas fonológicos no espanhol o **ó**, aberto, e o **ô**, fechado, pois isso não possibilita, no seu sistema, distinção vocabular, ao passo que o são no port. (**olho — ôlho, molho — môlho**, etc.).

Em port., a variação de timbre só se verifica nestas vogais — **e, o** — mas enquanto orais e não quando nasais. Destarte, o sistema fonológico das vogais orais port. é maior que o das vogais nasais:

	a		ã
é	ó		e(n) õ
ê	ô	i(n)	u(n)
i	u		

Cada fonema é um conjunto de qualidades fisiológicas e acústicas — tem um ponto e um modo de articulação; faz vibrar ou não as cordas vocais (é sonoro ou surdo); há desempenho ou não das cavidades bucal e nasal (é oral ou nasal), etc. P. ex., o fonema **p**, em port., possui os seguintes traços distintivos — 1.º ponto de articulação entre os lábios (bilabial), e se distingue, p. ex., do **t**, que é línguo-dental; 2.º o ar sai livremente; não vibram, pois, as cordas vocais (é surdo), com que se distingue, p. ex., do **b** cujo ar expirado produz vibração da glote (é sonoro); 3.º oclusão momentânea da bôca, com que se interrompe a corrente de ar; é, pois, uma oclusiva momentânea, e que se distingue, p. ex., do **f**, no qual não ocorre essa oclusão, mas que se caracteriza por um ruído de fricção (é fricativo), e isto com certa demora (é contínuo); 4.º som oral, com que se distingue, pois, de **m**, nasal. Em contigüidade com outros sons, pode o **p** receber dêles outras qualidades, as quais, todavia, não influem na sua caracterização.

Mas, nas oposições que se queiram estabelecer, só algumas dessas qualidades ou propriedades articulatórias e acústicas é que são válidas para distinção de sentido entre as palavras. Entre **pato** e **bato**, o traço distintivo diz respeito à ausência e à presença de vibração da glote; entre **pato** e **fato** os traços distintivos se referem ao modo de articulação (oclusiva e fricativa) e ao ponto de articulação (bilabial e lâbio-

dental). Entre **pato** e **mato** os traços distintivos dizem respeito à ausência e presença de nasalidade, e à oclusão e semi-oclusão.

E entre **pato** e **tato** a distinção se verifica pela bilabial e línguo-dental (ponto de articulação) e assim por diante com **nato**, **nhato**, **cato**, **gato**, **chato**, **dato**, **jato**, **rato**, **lato**.

Agora, pode-se apresentar outra definição de **fonema** (fonema fonológico) — conjunto de características sônicas distintivas, simultâneas. E unindo esta definição à anterior — **fonema é a unidade mínima de traços sônicos distintivos** (L. Bloomfield). Conforme Trubetzkoy, “le phonème est la somme de particularités phonologiquement pertinentes que comporte une image phonique”.

De acôrdo com suas relações com todo o sistema das oposições, estas são classificadas em **bilaterais**, **multilaterais**, **proporcionais** e **isoladas**.

BILATERAIS ou **BIMEMBRES** — a base da comparação, i. é, o conjunto de particularidades comum aos seus termos é próprio aos mesmos, e não aparece em nenhum outro membro do mesmo sistema. Exs.: **t-d** (rota — roda), **k-g** (calo — galo), **f-v** (afiar — aviar), etc.

MULTILATERAIS ou **MULTIMEMBRES** — a base de comparação é igual à de outros membros do sistema. Ex.: **a-e** é multilateral, pois que as propriedades comuns a êsses fonemas são-no também a outras vogais: **pala** — **pela** — **pila** — **pola** — **pula**; **mar** — **bar** — **par** (oposição de bilabiais).

PROPORCIONAIS — a relação entre seus termos é idêntica à relação existente entre os termos de outra ou outras oposições do mesmo sistema. P. ex., **t-d** é oposição proporcional, porque a relação entre os seus membros é a mesma que, p. ex., entre **k-g**, **f-v**, **s-z** (oposições de surda e sonora), como **tomes** — **domes** = **comes** — **Gomes**; etc.

ISOLADAS — em caso contrário, como, p. ex., **r-rr** (**caro** — **carro**), a qual oposição, no sistema fonológico português, não tem outro par cujos termos estejam entre si na mesma relação.

Segundo a relação existente entre os termos das oposições, estas podem ser **privativas**, **graduais** e **equípolentes**

PRIVATIVAS — um dos termos da oposição é caracterizado pela presença de uma marca ou caráter distintivo (**membro marcado**) e o outro pela ausência da mesma (**membro não marcado**). P. ex.: **g-k** (**galo — calo**) — **g**, membro marcado (possui sonoridade); **k**, não marcado (não possui sonoridade); em **ã-a** (**anta — ata**) o membro marcado é o caracterizado por ter nasalidade; o outro é não marcado.

GRADUAIS — os termos se caracterizam por diferentes graus da mesma particularidade. Ex.: **ê — é** (**sêde — sede**, etc) — o grau de abrimento da 1.^a vogal não é o mesmo da 2.^a. Assim também em **ó-ô** (**olho — ôlho**, etc.); em **a-u** (**pala — pula**, etc.); **i(n) — e(n)** (**intender — entender**, etc.).

São também graduais as oposições que em várias línguas se verificam pela variação do tom.

EQÜIPOLENTES — ambos os membros são lógicamente equiivalentes, i. é, não podem ser considerados como graus de uma particularidade, nem como a negação ou a afirmação dela. P. ex.: **p-f** (**pato — fato**, etc.), i. é, surda e surda; **b-d** (**ba-to — dato**, etc), isto é, sonora e sonora.

Em tôdas as línguas, as oposições equi-polentes são as mais numerosas.

E, por fim, as oposições são **constantes**, ou **neutralizadas** em relação com a extensão de seu poder distintivo:

CONSTANTES ou **FIXAS** — as oposições mantêm-se em qualquer posição de seus fonemas, segundo o sistema da língua. P. ex.: **f-v**, etc. (**faca — vaca**, **ceifa — seiva**, **alfa — alva**, etc.); **a-o**, etc. (**adiar — odiar**, **pás — pôs**, **cala — calo**, etc.).

NEUTRALIZADAS — quando as oposições distintivas deixam de ser tais, em vista da variação da posição dos seus membros. P. ex., em **s-z** há oposição distintiva inicial e medialmente (**sêlo — zêlo**, **caça — casa**), mas é neutralizada em posição final: **as — az**, **vós — voz**, etc.

Nas oposições bilaterais (proporcionais lógicamente privativas), os seus fonemas são mais facilmente analisados e devem ser considerados como aparentados entre si de modo par-

ticularmente íntimo. Os fonemas, nestas condições, formam um **par correlativo**, e o conjunto de todos os pares correlativos, caracterizados pela existência ou não de uma qualidade fonológica, constitui uma **correlação**.

Há, entre outras, as seguintes correlações:

CORRELAÇÃO DE SONORIDADE E SURDEZ: b-p (bois — pois, taba — tapa; d-t (domar — tomar, cada — cata); g-k (gato — cato, toga — toca); z-s (zêlo — sêlo, asa — assa); f-v (fale — vale, afiar — aviar); j-x (gingar — xingar, haja — acha); etc.

CORRELAÇÃO DE NASALIDADE E ORALIDADE: ã-a (anta — ata), e(n)-e (rende — rêde), i(n)-i (finta — fita), õ-o (rondo — rôdo), u(n)-u (mundo-mudo); etc.

CORRELAÇÃO DE TONICIDADE: medico — médico; sabia — sábia — sabiá; etc.

Como, em port., os seus vocábulos, na maioria, são paroxítonos, o membro não marcado será ou o correspondente proparoxítono ou oxítono.

CORRELAÇÃO DE TIMBRE: olho — ôlho, deste — dêste; etc.

CORRELAÇÃO DE DURAÇÃO ou QUANTIDADE: No latim â (longo) — á (breve): mânus, “bom” — mánus, “mão”; ê (longo) — é (breve): iacêre, “estar entendido” — iácere, “atirar-se”; etc.

CORRELAÇÃO DE ENTONAÇÃO: Nas línguas que distinguem palavras ou sentidos pelo tom. No port., a entonação se verifica nas frases.

CORRELAÇÃO DE EXPIRAÇÃO E NÃO EXPIRAÇÃO: No alemão Hahn, “galo” — Ahn, “avô”; Macht, “fôrça” — matt, “fraco”; no ingl. hand, “mão” — and, “e”; high, “alto” — I, “eu”.

CORRELAÇÃO DE PLOSÃO-FRICÇÃO (ou entre oclusivos ou africados e fricativos): No alemão: pf-f (Pfand, “penhor” — fand, “achava”, verbo; Pfeil, “flecha” — feil, “vendável”); z-ss (Beize, “corrosão” — beisse, “mordo” (verbo); k-ch (Knocken, “meadas de fio” — Knochen, “osso”; Hock, “cevadouro” — hoch, “alto”); etc.

No italiano: **zz-ss** (**mazza**, “bastão” — **massa**, “massa”, **mezzo**, “meio” — **messo**, “enviado”) etc.

CORRELAÇÃO DE ESPECIAL AFINIDADE: rr-r (carro — caro); **lh-l** (palha — pala; alho — halo); **r-l** (pêra — pela; rua — lua); **nh-n** (manha — mana), **lh-ly** (bilhar — biliar, calha — cália, galho — gálio)); etc.

Como se vê, as correlações dependem do sistema fonológico de cada língua.

As oposições fonológicas que permitem diferenciação no significado são chamadas **distintivas** ou **relevantes** ou ainda **pertinentes**. Podem ser, como vimos, entre fonemas, e entre unidades prosódicas chamadas **prosodemas** — prosodemas de quantidade ou duração, de tonicidade, de entonação, e de timbre.

As oposições fonológicas que não permitem diferenciação no sentido das palavras, chamam-se **oposições fonológicas irrelevantes** ou **não pertinentes**.

No port., **r-rr** é relevante ou distintivo só intervocàlicamente (**para** — **parra**, **caro** — **carro**, etc.), porém inicialmente é sempre **r** forte (**rico**, etc.). Se, todavia, alguém o pronunciar fraco, cria-se oposição não distintiva, irrelevante; apenas contraria a norma.

Em port., com **ss-s** (ou **s-z**) há oposição distintiva, pois permite diferenciar **cassa** — **casa**, **aço** — **azo**, etc., porém tal não se observa no espanhol **casa** que se pode, pois, pronunciar |**caza**| em vez de |**cassa**|, etc.:

O italiano possui **z** inicial surdo, equivalente a **ts** (**zappa**, “enxada”) e **z** inicial sonoro, equivalente a **ds** (**zona**, “zona”), mas, fonologicamente, é irrelevante; não há par de vocábulos que se distinguem pela ausência ou presença de sonoridade, podendo-se, pois, usar um pelo outro.

Pode-se pronunciar o **d**-port., inicial, como se fôsse medial, isto é, fricativamente (com pouco maior abertura da boca), mas isto não produz oposição fonológica distintiva; não há vocábulos em port. que só com isso se distingam (**d**-oclusivo e **dh**-fricativo), porque, na realidade, o **dh** fricativo não

faz parte do sistema fonológico português. Mas, ou pronunciar de um modo ou de outro, ambos, sonoros, opõem-se distintivamente ao **t**-surdo: **dhens**o ou **den**so — **tens**o, **dhom** ou **dom** — **tom**, **dhia** ou **dia** — **tia**, etc. E mesmo como medial não se opõe distintivamente, se fôr pronunciado com oclusão perfeita (oclusivo). Assim, **sede** ou **sedhe**, ambos com medial sonora, mas diferencialmente se opõe à surda **t** (**sete**).

Destarte, **dh**, fricativo, não é fonema fonológico, porém **som concreto** ou **realização** do fonema **d**, fonológico, como no italiano o **z** surdo e e o **z** sonoro são realizações do fonema fonológico **z**.

Na pronúncia dos exs. **ixperu** (espero), **ezbelto** (esbelto), **esspora** (espora), **-x-**, **-u-**, **-z-**, **-ss-** são apenas sons ou realizações, respectivamente, dos fonemas fonológicos **-s-**, **-o-**, **-s-**, **-s-**.

Cada realização de um fonema recebe o nome de **variante** ou **variante fonética** ou, ainda, **alofone**. As variantes podem ser **facultativas** (p. ex., pode-se pronunciar **andar** ou **andarr** ou **andarh...**), **posicionais** (dependentes da posição na palavra ou frase), **regionais** (de dialetos ou falares; p. ex., no Rio de Jan. — **ux temax**, os temas; **uj donux**, os donos), **individuais** (próprias de um indivíduo), **estilísticas** (dependentes do estado emocional do falante, ou do meio social, como no ex. **couro**, em que o ditongo é pronunciado claro para evitar **[côro]** da pronúncia popular).

* * *

O que se viu até aqui é do âmbito da Fonologia sincrônica. Há ainda o aspecto da Fonologia diacrônica ou evolução fonológica.

Quando numa língua surge um fonema novo que contribua para distinção fonológica, tem-se a **fonologização** ou **fonemização**. P. ex., o grupo latino **le** + “vogal” (p. ex., **aleu-**) teve como variante de realização fonética **li**+“vogal” (**aliu-**), o qual criou por sua vez o fonema inexistente no latim **lh**, hoje membro da oposição distintiva com **l** (**alho** — **halo**, etc.).

Quando uma oposição evolui para outra, ou uma correlação passa a outra, tem-se o fenômeno chamado **transfonologização** ou **transfonemização**. E, por fim, quando desaparece

uma oposição ou correlação, tem-se a **desfonologização** ou **desfonemização**.

P. ex., no latim, o fonema surdo **c** ante qualquer vogal era velar, mas no latim vulgar lusitânico deixou de ser velar ante as palatais **e, i** para ser africado **ts** (**fonologização**), criando com o **s** uma oposição até então inexistente — africana e fricativa. E essa oposição continuou no port. arcaico, possibilitando distinguir-se **cervo** (lat. **ceruu**) de **servo** (lat. **seruu**) porém mais tarde diluiu-se a **distinção**, i. é, houve **desfonologização**. Em outras palavras, havia no lat. um membro **c**, surdo, que se opunha ao membro **g**, sonoro, mas no lat. vulgar lusitânico **c** velar continuou a opor-se a **g** apenas ante **a, o, u**, ao passo que ante **e, i** passou a **ts**, sendo então membro da oposição com a fricativa (**cervo** (=tservo) — **servo** (port. arc.)). Houve, neste caso, o fenômeno da **transfonologização**, mas parcial.

No port. arcaico havia o fonema africado surdo **tx**, membro da oposição com o africado sonoro **dj** (**fonologização** em relação ao latim); mais tarde, passaram respectivamente a **x-j**, constituindo uma **transfonologização**, relativa ao português.

O latim fazia distinção fonológica entre vogais longas (que eram ao mesmo tempo fechadas) e breves (que eram simultaneamente abertas), porém, mais tarde, no latim vulgar, vingou apenas a distinção fechada-aberta (**transfonologização**).

* * *

A Fonologia, no dizer de Trubetzkoy, possui mais de uma aplicação prática — no ensino elementar da língua materna, no ensino das línguas estrangeiras, na reforma ortográfica, na criação de novos sistemas de escritura para línguas analfabéticas ou cujos sistemas gráficos sejam complicados, no aperfeiçoamento da estenografia, e, por fim, no estudo e talvez tratamento de certas formas da afasia.

* * *

A Fonologia, que é um ramo novo (1928) da Ciência da Linguagem, tem as suas raízes no suíço Ferdinand de Saussu-

re e no polonês Baudoin de Courtenay, que são tidos como precursores. São seus fundadores o príncipe russo Nikolay Sergueevitch Trubetzkoy e o checo Ramon Jakobson, e o Círculo Lingüístico de Praga (Checoslováquia) foi o primordial centro de estudos e irradiação das novidades.

Nos Estados Unidos, o lingüista de origem russa Edward Sapir encabeçou um movimento paralelo de que foi arauto Leonard Bloomfield, constituindo a escola norte-americana, a qual, sob o nome de **Phonemics**, traçou marca peculiar nessas investigações.

BIBLIOGRAFIA

N. S. Trubetzkoy, "*Principes de Phonologie*", Paris, 1949; L. Bloomfield, "*Language*", Londres, 1955; J. Mattoso Câmara Jr., "*Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*", Rio, 1953; S. Gili Gaya, "*Elementos de Fonética General*", Madri, 1953; E. Alarcos Llorach, "*Fonología Espanola*", Madri, 1950; D. Jones, "*An Outline of English Phonetics*", 8.^a ed., Cambridge, 1957; R. Jakobson, C. Gunnar M. Fant, Morris Halle, "*Preliminaries to Speech Analysis, the Distinctive Features and their Correlates*" in "*Technical Report*", Massachusetts, N.º 13, 1952; D. Jones, "*The Phoneme: Its Nature and Use*", Cambridge, 1950; A. Martinet, "*Économie des Changements Phonétiques — Traité de Phonologie Diachronique*", Berna, 1955; N. S. Trubetzkoy, "*La Phonologie Actuelle*" in "*Psychologie du Langage*", Paris, 1933; Silvio Elia, "*Orientações da Lingüística Moderna*", Rio, 1955; N. S. Trubetzkoy, "*Die phonologischen Grundlagen der sogenannten "Quantitaet" in den verschiedenen Sprachen*" in "*Scritti in Onore di Alfredo Trombetti*", Milão, 1938.